
PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS E DORA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JORGE AMADO¹

PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS AND DORA: THE CONSTRUCTION OF IMAGES IN THE LITERARY DISCOURSE BY JORGE AMADO

Izabella Pimentel Franco

Graduanda em Letras-Português pela UFPI e pesquisadora de Iniciação Científica.

E-mail: izabella.franco007@gmail.com

RESUMO

Este trabalho consiste num recorte de pesquisa de Iniciação Científica realizada na UFPI, cujo objetivo é analisar a configuração do discurso literário na obra “Capitães da Areia”, de Jorge Amado. Desse modo, neste artigo busca-se desvelar as imagens construídas pelos personagens amadianos, Pedro Bala, Pirulito, Sem-Pernas e Dora, através da configuração do discurso literário na obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado. Para tanto, apoia-se em postulados da Teoria Semiolinguística. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa que tem como corpus a obra já mencionada. Publicado em 1930, *Capitães da areia* retrata o cotidiano de um grupo de meninos de rua na periferia de Salvador. Os resultados obtidos revelam a projeção das seguintes imagens: Pedro Bala (líder e herói dos pobres); Pirulito (religioso); Sem-Pernas (perverso) e Dora (emancipada). Conclui-se que a Análise do Discurso propicia um estudo muito mais completo e abalizado dos fenômenos literários, permitindo-nos relacionar a linguagem a sua exterioridade, desvendando, assim os fenômenos ideológicos.

Palavras-chave: Discurso. Semiolinguística. *Capitães da areia*. *Ethos*.

1 O presente trabalho resulta de um recorte de pesquisa de Iniciação Científica já concluída na UFPI, sob a orientação do Prof. Dr. João Benvido de Moura.

PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS E DORA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JORGE AMADO

ABSTRACT

This work is a cropping of a scientific initiation research at UFPI, that aims to analyze the configuration of the Literary discourse in the work of Jorge Amado, *Capitães da Areia*. Therefore, this paper seeks to unveil the images built by the Amado's characters, Pedro Bala, Pirulito, Sem-Pernas and Dora, through the configuration of the Literary discourse in the work of Jorge Amado, *Capitães da Areia*. For this purpose, it relies on postulates of Semiolinguistic Theory. This is a qualitative and interpretative research that has as its corpus the book already mentioned. Published in 1930, *Capitães da Areia* portrays the daily life of a group of street children on the outskirts of Salvador. The results obtained reveal the following images: Pedro Bala (leader and hero of the poor); Pirulito (religious); Sem-Pernas (perverse) and Dora (emancipated). We conclude that Discourse Analysis provides a much more complete and authoritative study of literary phenomena, allowing us to relate language to its exteriority, thus uncovering ideological phenomena.

Keywords: Discourse. Semiolinguistic. *Capitães da areia*. Ethos.

INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso (AD) teve seu início propiciado pelo avanço dos estudos linguísticos desde o estruturalismo de Saussure até o enunciativismo de Benveniste. As contribuições desses estudos oportunizaram o cenário para o surgimento dessa disciplina, a partir de trabalhos como de Michel Pêcheux na década de 1960. Dentre as ramificações que surgiram da AD, temos a Teoria Semiolinguística (TS), que tem como precursor Patrick Charaudeau e é conhecida também como Análise do Discurso Semiolinguística (ADS), considerando a abordagem psicossocial da linguagem.

Nesta pesquisa, nos propomos a fazer uma ponte entre a Literatura e o Discurso por compreendermos a necessidade de melhores contribuições de análise do texto literário a partir de uma perspectiva discursiva. Para isso, buscamos analisar a obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, através de uma dimensão psicossociolinguageira. Tal abordagem busca analisar o discurso a partir de uma perspectiva psicossocial, pois visa o enunciador como sujeito, e atesta a inserção dos sujeitos enunciadore dentro de um quadro comunicacional instaurado pelo ato da enunciação. Esses sujeitos enunciadore possuem uma intencionalidade que guia seu projeto de fala.

Dado o nosso objeto de estudo, o discurso literário, é nos dada a obrigação de recorrermos à Análise do Discurso Literário (ADL), de Dominique Maingueneau, que configura o literário a partir de fundamentações discursivas. Tal abordagem tem sua relevância através da busca pela compreensão das condições de enunciação, proporcionando a superação da distinção entre texto e contexto. Por estar inserido em um determinado campo de produção verbal, o discurso literário dá significado aos atos de coletividade através da relação entre texto e enunciação.

Partindo, então, da necessidade do olhar discursivo perante o literário, buscaremos, pois, nesta pesquisa identificar e interpretar as significações que surgem do *ethos*, dentro de *Capitães da areia*, de Jorge Amado. Nesse sentido, esta pesquisa está inserida na categorização de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, pois como dito, buscamos identificar e interpretar o discurso literário através dos recursos semiolinguísticos na obra do escritor baiano, Jorge Amado. Temos como objetivo desvelar o *ethos* de alguns personagens.

Para isso, levamos em conta pesquisas já desenvolvidas pelo NEPAD/UFPI – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso e publicadas em Moura *et al.* (2015, 2017); Lopes *et al.* (2018); Moura e Assunção (2017; 2018). Também lançamos mão de artigos publicados em periódicos, além de dissertações e teses que abordam o discurso literário.

Ademais, justificamos a relevância deste trabalho por ser um recorte dos estudos já realizados na Iniciação Científica Voluntária (ICV) da UFPI, o que nos possibilitou maior domínio teórico para a utilização dos postulados e categorias de análise, além de exercitar o fazer científico através da produção escrita e da participação em eventos. Além disso, almejamos contribuir com os estudos da Semiologia no Brasil, buscando a valorização da pesquisa científica aqui realizada e da literatura brasileira.

ANÁLISE DO DISCURSO E A SEMIOLINGUÍSTICA

A Análise do Discurso Semiologia, como uma das correntes da AD, observa as trocas comunicativas numa perspectiva psicossocial, considerando as intencionalidades e estratégias dos sujeitos da linguagem. Neste capítulo, abordaremos a relevância teórica dessa abordagem, incluindo a noção de ethos, incorporada pelo linguista Patrick Charaudeau.

A Teoria Semiologia (TS): uma abordagem psicossocial

A Análise de Discurso surgiu no século XX, nos anos 60, a partir de seu fundador Michel Pêcheux. Sua formação teve influências de três pilares – a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise – emergentes do século XIX, contribuindo, assim, para uma organização interdisciplinar. Os estudos linguísticos iniciais deram ênfase ao aspecto estrutural da língua, evoluindo para a capacidade geradora do indivíduo até chegar à teoria enunciativa de Benveniste.

A Teoria Semiologia surgiu a partir dos trabalhos do linguista francês contemporâneo Patrick Charaudeau por volta da década de 1980. Essa teoria descarta a noção de assujeitamento defendida por Pêcheux e admite a intencionalidade do sujeito no discurso, justamente por compreender a relação existente entre a linguagem e o contexto psicossocial. Além disso, ela reúne elementos das ciências da linguagem, da psicossociologia, das ciências da informação e da comunicação.

Desse modo, é possível perceber que há uma grande variedade de teorias e metodologias que compõem a AD reforçando a sua heterogeneidade. A Teoria Semiologia (TS) é uma das muitas teorias que a compõem, constituindo-se como a principal base teórica desta pesquisa, tendo em vista sua abordagem psicossocial da linguagem e sua classificação dos sujeitos. A respeito da TS, Correa-Rosado afirma:

[...] a TS, enquanto uma teoria de análise do discurso, tem se revelado como uma teoria que possui um grande potencial na análise de discursos variados, como o publicitário, o midiático, o literário, o telenovélico, o político entre outros, e também na compreensão de problemas sociodiscursivos diversificados como os gêneros do discurso, a questão da imagem de si (o ethos retórico) e das emoções na linguagem (o pathos retórico), as representações sociais engendradas pela linguagem, entre outros (CORREA-ROSADO, 2014, p. 2-3).

Essas multipossibilidades proporcionadas pela TS reforçam seu conceito de não ser uma teoria que limita-se em si, e apontam para a riqueza que essa teoria tem de proporcionar mais variados trabalhos, tais como as pesquisas já desenvolvidas pelo NEPAD/UFPI – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso e publicadas em Moura *et al.* (2015; 2017); Lopes *et al.* (2018); Moura e Assunção (2017; 2018).

A respeito da visão semiologia do discurso, Charaudeau (2005) afirma que a Análise do Discurso se volta ao estudo dos meios das condições psicossociais que justificam os comportamentos linguageiros (como dizer). Por isso, essa teoria aborda a linguagem de maneira

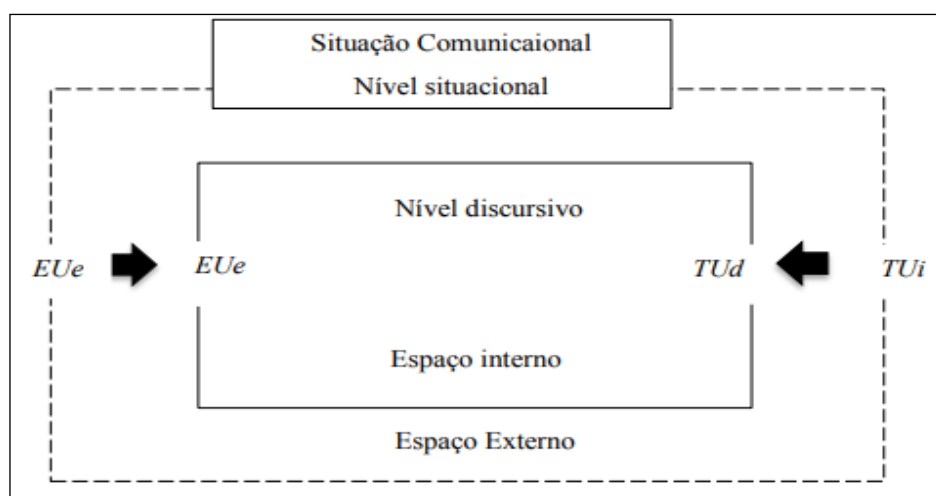
PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS E DORA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JORGE AMADO

psicossociolinguageira, ou seja, para que a linguagem possa ser entendida efetivamente é necessário levar em consideração seus usos e contextos psicológicos e sociais.

A partir disso, a TS não observa apenas o fenômeno linguístico, mas os saberes que contribuíram para a formação do que fora enunciado. Isto é, o ato de linguagem não significa apenas pelo sistema de signos visíveis, mas inclusive pelos saberes internos ativados para a produção e interpretação desse fenômeno linguageiro. Logo, o objeto de estudo da TS é resultante dessas duas dimensões, a explícita e a implícita. Desse modo, são considerados os aspectos social e psicossocial.

Toda essa construção mencionada anteriormente, está situada dentro da situação de comunicação. Dessa forma, as circunstâncias psicossociais que contextualizam os sujeitos inseridos no discurso fazem com que o sujeito que interpreta (*TU interpretante*) – ser real - crie hipóteses a respeito dos saberes do sujeito que comunica (*EU comunicante*) – ser real -, sobre o ponto de vista, e sobre o que poderá ser dito por ele ao seu receptor. Respectivamente, o sujeito que enuncia cria hipóteses a respeito do sujeito que interpreta. Conseqüentemente, é possível destacar que além de analisar aspectos linguísticos e extralinguísticos, a TS leva em conta a duplicidade do sujeito falante, que é individual e único, e o sujeito coletivo que é condicionado de maneira prático-discursiva. Isso significa que o EUC (*EU comunicante*) cria projeções discursivas sobre o seu parceiro de troca, assim surge o sujeito que enuncia, EUE (*EU enunciador*), e o sujeito idealizado, TUD (*TU destinatário*), e por conseguinte, o TUI (*TU interpretante*) também que cria projeções sobre o EUC também através do TUD (*TU destinatário*). Tudo isso está inserido na Figura 1:

Figura 1: Situação de comunicação



Fonte: Baseado em Chreaudeau (2016).

A partir da Teoria dos Sujeitos exposta no quadro acima, podemos constatar que a perspectiva da Teoria Semiolinguística é capaz de observar todas as dimensões psicossociolinguageiras do sujeito. Ademais, é válido destacar que independente das projeções citadas anteriormente pode não haver correspondências entre realidade e expectativa, ou seja, o sujeito idealizado pelo enunciador pode ser totalmente diferente.

Para Charaudeau (1996), o que fundamenta o ato de linguagem é o processo de semiotização do mundo -, que ocorre a partir da apropriação da língua pelo sujeito cuja intencionalidade está regida por um projeto de influência social, isto é, a enunciação. Em concordância a isso, ele diz que um ato de fala deriva de uma intencionalidade, a dos sujeitos falantes, parceiros de uma

troca. Portanto, depende da identidade deste último, resulta de um objetivo de influência, carrega uma mensagem sobre o mundo em um determinado espaço e tempo (situação).

Tendo por base todos esses constituintes semiolinguísticos, atestamos a serventia multifacetada dessa teoria como instrumento de análise para as mais variadas significações presentes em diferentes discursos. Portanto, a seguir trataremos da noção de *ethos*, que teve sua origem na Retórica de Aristóteles, e que foi retomada por Charaudeau nos instrumentos teóricos da TS.

O Ethos: da retórica ao discurso

A noção de *ethos* tem origem na Retórica de Aristóteles, em cujo seio representa a imagem que se produz a respeito de si, no momento da enunciação. Para efeito deste trabalho, sob a perspectiva da Semiolinguística de Patrick Charaudeau, buscamos analisar o papel psicossociolinguageiro da obra *Capitães da areia*, de Jorge Amado, e averiguar que *ethos* é construído por seus principais personagens. Segundo Charaudeau (2010), é necessário que os sujeitos falantes ganhem credibilidade e saibam captar o interlocutor, desse modo ele recorre a estratégias discursivas de influência, tais como: a construção da imagem de si, *ethos*; a maneira de sedução ou persuasão, *pathos*; e os modos de organização do discurso, estes possibilitam a descrição do mundo, explicando-o segundo princípios de veracidade, *logos*.

O *ethos retórico* ou *empírico*, apresentado por Aristóteles correspondia à totalidade do orador/enunciador. Dentro dessa perspectiva retórica, há três provas empregadas pelo orador com o propósito de persuasão, este é o triângulo da retórica antiga: *logos*, *pathos* e *ethos*. Maingueneau (2008) assim explica essa trilogia: *logos* corresponde a argumentos, *pathos* a paixões e *ethos* a conduta. Dessa forma, o enunciador projeta seu *ethos* com o propósito de despertar o *pathos* no seu público, e isso através do *logos*.

Mello (2003) confere o discurso como o lugar da encenação da significação, e que o texto deve ser entendido como um objeto que representa a materialização da encenação do ato de linguagem. Dessa forma, ao apregoarmos o *ethos* em uma perspectiva psicossociolinguageira infere compreendê-lo como, que enquanto construção de uma imagem daquele que fala, resposta à necessidade deste sujeito em ser lido ou ouvido. Segundo Charaudeau, é essa a problemática do *ethos*, pois “trata-se de um processo de identificação que exige do sujeito falante a construção para si mesmo de uma imagem que tenha um certo poder de atração sobre o auditório” (CHARAUDEAU, 2010, p.59)

No que diz respeito ao âmbito da literatura, Mello (2003) defende que o leitor não tem contato direto com EUC devido às condições da literatura, que não estabelece uma relação direta entre leitor e autor. Assim, segundo ele, ocorre a impossibilidade de resposta por parte do público. Portanto, defendendo essa tese ele diz:

[...] passamos ao nível interno, ao universo discursivo, o nível do Dizer, na relação contratual, no qual são instituídos os outros dois parceiros” - EUE e TUD - ambos criados por EUC para se comunicar com TUI. EUC, ao escrever, instaura uma instância que é, de certa forma, um desdobramento de si própria: o EUE. EUC enuncia através de uma outra voz que não é a sua, mas é, ao mesmo tempo, sua. EUE é, na verdade, um ser de palavra, um protagonista do Dizer [...] existe, pois, uma divisória (que liga e separa ao mesmo tempo) entre a instância produtora - o EUC, e o responsável pela enunciação - o EUE. [...] em quase sua totalidade, uma voz anônima que “dirige” a narrativa. EUE, (voz 1), se dirige, se divide ou se desdobra, por sua vez, em TUD que, por sua vez, também é uma voz (voz 2). Por hora, vale dizer que tanto EUE quanto TUD são personagens. Entendemos, aqui, que as personagens da obra são locutores quando suas vozes se deixam ouvir por meio do discurso direto (MELLO, 2010, p. 51-52).

PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS E DORA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JORGE AMADO

Com base nesse pensamento, buscaremos analisar o *ethos* dos personagens, não considerando a análise em foco de Jorge Amado, mas sim nos sujeitos enunciativos da obra, os personagens, pois compreendemos que eles buscam tornarem-se sujeitos psicossociais, assim, em uma situação de interação constroem imagens de si. A seguir, veremos a Análise do Discurso Literário, seu surgimento e seus constituintes.

Análise Do Discurso Literário (ADL)

O que vale para a Análise do Discurso (AD) não é apenas o que o texto significa, mas como ele significa. Por isso, o material a ser analisado pela AD não é dado, pronto, ou facilmente delimitado, mas é tudo aquilo que influi no que fora enunciado. Portanto, o discurso é tido como um entrelaçamento entre língua, sujeito e história, porque se dá através da história, logo, está em movimento, conseqüentemente através de aspectos sócio-históricos.

Nesta pesquisa, analisaremos o discurso literário mediante o pressuposto de que a obra literária rompe os limites entre autor e texto, e sofre influência social e histórica, além de conter formações discursivas diversas relacionadas às mais diferentes áreas do conhecimento. Portanto, recorreremos a ramificação da AD, a Análise do Discurso Literário (ADL).

A partir disso, pode-se compreender que a Análise do Discurso Literário, está no âmbito da linguagem, em como as ferramentas discursivas atuam no texto literário colaborando na ampliação dos sentidos produzidos na literatura. Em suma, além dessa abordagem teórica estar no âmbito da linguagem, por ser uma análise discursiva ela observa a atividade enunciativa dentro do texto literário.

Historicamente, o surgimento da ADL se deu três décadas após a AD, nos anos 90. Sendo então uma área recente, e ainda em fase de estruturação. Na dissertação de mestrado de Assunção (2018), a autora traça uma linha de sucessão temporal dos avanços linguísticos com base em Maingueneau (2006), explicitando a relação entre Literatura e Discurso, que surgiu nas práticas da Filologia, na primeira metade do século XIX.

Etimologicamente, filologia é de origem grega, formado por *fil* e *logia*, o primeiro elemento vem da raiz de amar, e o segundo de *logos* que se traduz em fala, discurso, raciocínio, linguagem. E foi esse olhar da filologia, de acordo com Maingueneau (2006) em decifrar e comparar manuscritos, datá-los, determinar sua origem, acompanhar sua transmissão etc., que firmaram uma rica metodologia de “crítica textual”.

Os estudos filológicos foram prolongados pela abordagem marxista, a mesma que serviu de base a Análise do Discurso, e isso afirma que, conforme Maingueneau (2006), as obras devem ser lidas como um “reflexo” ideológico. Ou seja, as obras refletem algo relativo ao social. Desse modo, os marxistas contribuem no aspecto ideológico, porém, se estreitam ao aspecto político.

O Estruturalismo propôs a visão da literatura fechada em si mesma, chamada autotélica, rompendo qualquer outro elo entre autor, obra e sociedade. Isso ocasionou um afastamento bastante considerável entre Literatura e Linguística, contudo a AD e outras teorias da enunciação se opuseram a essa proposta estruturalista literária. Nos anos 70, com a Sociocrítica Literária surge a aproximação entre literatura e teorias pragmáticas, proporcionando a relação de literatura com sociedade, e favorecendo, assim, o surgimento da Análise do Discurso Literário.

Dessa forma, a ADL surgiu com o propósito de analisar as atividades enunciativas dentro da obra, sem excluir seu prestígio como literatura, nem para substituir a crítica literária, mas com o objetivo de analisar toda a situação comunicacional existente no discurso enunciado na obra. A respeito disso, Maingueneau diz:

[...] considerar o fato literário como “discurso” é contestar o caráter central desse ponto fixo, dessa origem “sem comunicação com o exterior [...] é renunciar ao fantasma da obra *em si* [...] As condições do *dizer* permeiam aí o *dito*, e o *dito* remete as suas próprias condições de enunciação” (MAINGUENEAU, 2006, p.43).

Em suma, AADL não considera apenas a forma de existência da obra, mas também a do autor, considerando sua intencionalidade e apontando outros fatores discursivos como a organização, a circulação, a manipulação, o posicionamento ideológico e quaisquer componentes vinculados aos sujeitos e seus contextos de enunciação. Portanto, nesta pesquisa buscamos analisar o discurso contido no literário, para isso faremos uso dos procedimentos analíticos do discurso, sem nos atermos a teorias literárias. A seguir, passaremos a abordar as cenas da enunciação propostas por Maingueneau, que são responsáveis pela validação de um discurso.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa está inserida nos estudos da Teoria Semiociológica, de Patrick Charaudeau, e na Análise do Discurso Literário, de Dominique Maingueneau. Esses campos de estudos possuem métodos teóricos próprios que fundamentam a análise discursiva e, neste trabalho, a análise discursiva literária. Para isso, nos debruçamos em trabalhos organizados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Análise do Discurso (NEPAD) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como a dissertação de Assunção (2018), intitulada: *A paratopia criadora e o ethos de Abdias Neves: análise do discurso literário de um autor marginal em um Manicaca*; os livros *Discurso, memória e inclusão social e Sentidos em disputa: discursos em funcionamento* de Moura, Batista Júnior e Lopes (2015, 2017)

Trata-se de uma pesquisa básica quanto à finalidade, uma vez que se propõe a aprofundar-se acerca do discurso literário de uma obra já bastante estudada. No tocante à abordagem, pode ser caracterizada como qualitativa, tendo em vista que analisa os fenômenos atribuindo-lhes interpretações de natureza subjetiva, dispensando técnicas e métodos estatísticos. Quando aos objetivos, podemos considerá-la como descritiva, visto que pretende esclarecer ao máximo um assunto já conhecido. Por fim, quanto aos procedimentos de coleta de dados, apresenta-se como bibliográfica pois tem como corpus uma obra literária.

Inicialmente, foi realizada uma releitura da obra com o objetivo de coletar evidências do fenômeno do *ethos*, postulados da Teoria Semiociológica, além das cenas da enunciação propostas por Maingueneau. No nosso *corpus* nos deparamos com o discurso literário, que se caracteriza pela língua em peculiar e pela liberdade de criação próprias desse tipo discursivo. A partir disso, realizamos uma investigação minuciosa para detectar e registrar o *ethos*. Por conseguinte, nos respaldamos no estudo bibliográfico com a finalidade de obtermos aprofundamento das concepções teóricas que fundamentaram nossa análise. Assim deu-se o desenrolar da coleta e interpretação de dados que foram avaliados qualitativamente dentro de um processo empírico-dedutivo, que consiste na aplicação das teorias discursivas aliadas à interpretação e compreensão dos sentidos manifestos no discurso analisado.

Por fim, a escolha do nosso *corpus* se deve à relevância da obra não somente no âmbito literário, mas, também, no contexto social brasileiro da época em que foi escrita (1937) até o presente momento, no qual se mostra tão atual quanto há 83 anos, quando foi publicada. Portanto, essa impressão de atemporalidade que a obra traz exerceu forte influência na sua escolha para este estudo, assim como também foi fator determinante por ser um dos maiores sucessos de Jorge Amado, pois trata de uma narrativa que propõe denunciar uma realidade social velada e apresentar personagens tipicamente regionais.

PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS E DORA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JORGE AMADO

Uma vez que exposta a metodologia utilizada para a construção desta pesquisa, passaremos agora a descrição e interpretação dos dados. No capítulo seguinte, descreveremos e interpretaremos as produções de sentidos na obra proposta, a fim de analisarmos o discurso literário.

ANÁLISE DO DISCURSO LITERÁRIO: PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA OBRA

A seguir, temos o capítulo de análise deste trabalho. Na análise trataremos, primeiramente, das circunstâncias que propiciaram o discurso analisado. Em seguida, analisaremos o *ethos* construído pelos principais personagens.

As circunstâncias do discurso: caracterizando a obra

A década de 1930 foi marcada por intensos movimentos artísticos em resposta à crise econômica instaurada após a queda da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929, o pós-guerra e os regimes totalitários que emergiram nesse contexto. Muitos dos movimentos artísticos partiam de uma ideologia com o propósito de despertar uma consciência crítica nos sujeitos e, assim, gerar uma transformação na sociedade. Portanto, podemos afirmar que a literatura, inserida nesse contexto, é tanto um fenômeno artístico quanto político.

Dessa forma, a ideologia marxista se aproximava dos autores, influenciando-os. Segundo Hograefe (2015), a Semana de Arte Moderna, a fundação do Partido Comunista e o Levante de Copacabana contra a República Velha foram os acontecimentos que influenciaram diretamente o contorno da produção artística brasileira dos anos 1930. Ainda de acordo com a autora, o romance dessa época trouxe à cena vagabundos, prostitutas e tantos outros sujeitos excluídos da sociedade.

Jorge Amado surge, então, como artista simpatizante da ideologia marxista, e é autodeclarado comunista ao estreitar laços com o Partido Comunista Brasileiro se afiliando a este. De acordo com o posfácio cronológico presente na edição que temos do livro (2009), p. volta de 1939, o romancista baiano enfrenta problemas por estar filiado ao Partido Comunista Brasileiro, e neste período, Capitães da areia já havia sido publicado, em 1937. Por esse motivo,

sua primeira edição foi incinerada após a implantação do Estado Novo, por ser considerada uma obra comunista. Contudo, com o passar dos anos, ele rompe com o comunismo e passa a criticar a literatura submetida a influências partidárias.

Segundo Ruy (2013), Jorge Amado sofreu represálias da crítica elitista e conservadora porque levantava bandeiras em prol das minorias. Ruy (2013) ainda revela como a crítica caracterizava os personagens amadianos, considerados psicologicamente vazios, semelhantes a caricaturas e criaturas estereotipadas.

Conforme diz, Hograefe (2015), somente em 1944, a obra foi reeditada e circulou mundo afora. E hoje continua sendo uma obra atual, e é leitura obrigatória na grade do Ensino Médio.

A obra retrata a saga de um grupo de menores em situação de rua, denunciando o abandono, os maus tratos e a indiferença de que são vítimas, apelando para a realização de pequenos delitos para sobreviver. Os meninos liderados por Pedro Bala recebem esse nome porque vivem em um trapiche velho e abandonado em frente ao mar, no cais de Salvador, e neste lugar, que podemos chamar de lar dos capitães, quem governa são eles e governam mediante uma única lei: a lei dos capitães. Essa lei refere-se à coletividade do grupo, colocando cada integrante do bando como membro de uma família, sendo, então, crime qualquer tipo de traição, roubo ou violência contra um de seus membros.

Pedro Bala é extremamente valente e busca, no decorrer da narrativa, mudar o destino dos pobres, principalmente quando descobre que é filho de um homem que morreu de bala perdida ao lutar pelos direitos dos pobres. Professor é o único do grupo que sabe ler, recebendo esse apelido por ler histórias para os meninos nas noites no trapiche. Gato é charmoso e esperto, tendo um romance com Dalva. Volta Seca é afilhado de Lampião e sonha com o dia em que estará junto de seu padrinho. Sem-Pernas recebe esse nome por ser manco, usando dessa característica para ser acolhido em casa e efetuar roubos juntamente com o restante dos capitães. Pirulito é um jovem devoto, muito amigo e admirador do Padre José Pedro, sonha em ser arcebispo. E, por fim, Dora que passa a fazer parte do bando como a única menina após ficar órfã de pai e mãe devido à epidemia da varíola. Assim, por intermédio de Professor e João Grande, ela se torna membra dos capitães juntamente com seu irmão, Zé Fuinha.

O romance é dividido em quatro partes: “Cartas à redação”, “Sob a lua num velho trapiche abandonado”, “Noite da paz grande, da grande paz dos teus olhos” e “Canção da Bahia, canção da liberdade.” A primeira é configurada a partir de cartas do leitor publicadas no *Jornal da Tarde* - o principal veículo de informação fictício da obra - em resposta à reportagem “Crianças Ladronas” publicada no jornal. A segunda parte da obra, “Sob a lua num velho trapiche”, trata de apresentar ao leitor quem são os meninos que foram alvos da reportagem e das cartas expostas no capítulo anterior.

Na terceira parte da obra é quando temos o primeiro contato com Dora em “Filha de bexiguento”. Nos capítulos sucessores, “Dora, mãe”, “Dora, irmã e noiva”, “Reformatório”, “Orfanato”, “Noite da grande paz”, “Dora, esposa” e “Como uma estrela de loira cabeleira” temos todo o desenrolar da história dessa menina, que acabou se tornando a única integrante feminina dos *Capitães da areia* e a amada de Pedro. Dora é vista pelos capitães como mãe e irmã, e por Pedro, como noiva.

A última parte da trama revela o desfecho dos meninos que ficaram balançados com a morte de Dora, e, finalmente, temos o encontro de Pedro Bala com a revolução, o meio pelo qual a narrativa revela, ser a forma de “vingar” os pobres, lutando contra a diferença de classes.

A partir dos capítulos e divisões, *Capitães da areia* se desenvolve, nas palavras de Hatoum (2009, p. 268-269):

Em várias passagens Jorge Amado explora possibilidades de redenção, de sonho ou de eutopia[...] O narrador alterna esses momentos de lirismo com cenas dramáticas, deixando em suspense ou adiando o desfecho de várias aventuras que vão sendo tramadas ao longo da narrativa.

Portanto, a partir da contextualização da obra, podemos compreender que devido à filiação partidária nos anos em que se dedicou a escrever suas primeiras obras, dentre elas *Capitães da areia*, Jorge Amado estava interessado em escrever não somente para a massa, mas sobre a massa. O olhar para os excluídos e a ideologia socialista revela a polarização do mundo – não somente – da obra. Assim, ele pontua na coletividade e unidade a possibilidade de uma revolução capaz de transformar a sociedade.

ETHÉ discursivos dos personagens

Com base no entendimento de que o *ethos* é uma construção de si mesmo, e de que o discurso literário remete a um modo de dizer, por consequência sendo um modo de ser, analisaremos, pois a construção do *ethos* dos personagens Pedro Bala, Sem-Pernas, Dora e Pirulito contemplando suas características dinâmicas e dialogais dentro do *corpus* analisado.

PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS E DORA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JORGE AMADO

Pedro Bala é o líder dos *Capitães da areia*, loiro, com um corte no rosto devido a uma briga com o antigo líder do grupo, Raimundo. Pedro lidera os meninos-capitães como quem lidera uma família, mas sempre insatisfeito quanto à vida que ele e seus amigos levam. O desfecho dessa trajetória o torna líder de grevistas com a finalidade de mudar o destino dos pobres. Analisaremos, então, como Pedro constrói essa imagem de liderança, ou seja, o *ethos* de líder.

O *ethos de liderança* em Bala é visto em vários momentos da narrativa, tais como, quando intercepta um menino do bando mexendo no baú de Pirulito, iniciando, assim, uma breve luta com ele, ao deduzir que se tratava de um furto. Ao interrogar o menino ele usa o termo “companheiro”, que indica a identidade da relação do grupo, pois viviam juntos, furtavam juntos, partilhavam o fruto dos furtos, cuidavam um dos outros, em suma, eram companheiros; e roubar um companheiro era uma traição. Quando Pedro revela qual seria a punição do menino ele usa uma expressão referente a um desejo individual: “Não quero mais tu com a gente” (AMADO, 2009, p. 45) e isso indica a personalidade dele no enunciando, revelando assim a sua liderança na decisão, ou seja, sua visão a respeito da situação era um veredito, assegurando a autoridade de sua liderança.

No entanto, sua liderança não é autoritária, pois com a intervenção de Pirulito (dono do baú que o menino furtava) abandonou a ideia de expulsão: “— *Deixa ele, Pedro. Era bem capaz de querer ver mesmo a medalha. É uma medalha que o padre José Pedro me deu. [...] Pirulito intercedeu de novo e Pedro Bala voltou para perto do professor*” (AMADO, 2009, p. 46).

Também é possível observar esse *ethos* em Pedro quando este defendeu Dora do restante dos meninos após ser convencido por João Grande. Primeiramente, ele exerce um papel de supremacia ordenando que todos façam silêncio para que ele pudesse prestar atenção na fala de João Grande: “— *Cala a boca — gritou Pedro Bala*” (AMADO, 2009, p. 172). O tom de altivez como o qual enuncia – através de um grito – também revela a imposição de sua imagem como líder diante do grupo. Assim, após ser convencido por João Grande de que ninguém poderia fazer mal a Dora por ela ser uma menina, sua decisão torna-se uma lei para os meninos. “*Pedro Bala se aproximou de Dora: — Tem medo, não. Ninguém toca em você*” (AMADO, 2009, p. 173). Constata-se, mais uma vez, sua autoridade reconhecida por todo o bando, o que, nesse episódio, garante a Dora um estatuto de proteção.

Outro *ethos* bastante recorrente em Bala é o *ethos de herói dos pobres*. Todos os meninos que pertenciam ao bando sentiam grande insatisfação com a vida que levavam, e cada um buscava refúgio em determinadas formas de escape. Gato buscava uma fuga momentânea da vida nas noites que passava com Dalva; Pirulito, na fé; Sem-Pernas, no ódio do mundo; mas Bala possuía uma insatisfação mais profunda que, talvez, ele mesmo não pudesse explicar. Tal sentimento aparece de forma mais evidente no capítulo “Docas”. Nessa parte da narrativa, ele encontra João de Adão, que compreende a insatisfação que o assolava: a desigualdade entre ricos e pobres. Essa reflexão toma conta do personagem em toda a narrativa e, em seu desfecho, é possível perceber a construção da imagem proposta.

Após a morte de Dora, Professor decide aceitar a proposta que recebeu para ser artista no Rio de Janeiro. Ao perceber que seu amigo teria uma vida melhor, Pedro diz: “— *Tu também vai mudar a vida da gente [...]*” (AMADO, 2009, p. 222). É possível constatar que Pedro vislumbra um sinal de esperança diante da expectativa de uma nova vida para o amigo. Mas tudo toma um viés revolucionário, propiciando a efetivação do *ethos* de Pedro como *herói dos pobres*, quando ele recebe a visita de um estudante universitário mediado por João de Adão. João havia trazido o rapaz com o propósito de obter ajuda dos Capitães em favor da greve dos condutores de bonde e motoneiros, buscando impedir que um grupo contrário à greve impedisse a manifestação. Para explicar aos meninos o que era uma greve, Bala diz: “— *A greve é a festa dos pobres. Os pobres é tudo companheiro,*

companheiro da gente [...] — Vai ver como a gente acaba com os traidor” (AMADO, 2009, p. 254). Nesse trecho é possível constatar a simpatia que Pedro tinha em relação ao movimento grevista – seu pai havia morrido durante uma greve – mas, além desse motivo pessoal, havia, também, a motivação social: a festa dos pobres. Era o lugar onde aqueles que, desfavorecidos socialmente, como ele, podiam alegrar-se, ter esperança.

Pirulito, o menino mais próximo ao Padre José Pedro, sonhava em ocupar essa mesma função do clero um dia, demonstrando muita fé e devoção. Como os demais, não sentia alegria na vida que levava, mas encontrava na fé a esperança de um futuro melhor, propondo-se, assim, a furtar apenas para se alimentar, já que considerava tal ato como pecado. Podemos observar como Pirulito constrói o *ethos* de *religioso*, por exemplo, no capítulo “Alastrim” que discorre sobre a epidemia de varíola que assolou a região. Quando Almiro é denunciado por Barandão, seu parceiro sexual, de estar com varíola, ocorre uma discussão no trapiche liderada por Sem-Pernas – uma vez que Pedro estava ausente – sobre expulsar tanto Barandão quanto Almiro do grupo. Ao observar toda essa situação “*Pirulito se abraçou com um quadro de Nossa Senhora e disse: — Vamos rezar todo mundo, que isto é um castigo de Deus pros pecados da gente*” (AMADO, 2009, p. 141). Na narrativa, a relação entre Pirulito e o catolicismo é grande, tanto que ele se torna um frade e, nesse trecho, é possível observar que a construção do *ethos religioso* se dá no instante em que o menino deposita sua fé na prece, compreendendo que Deus poderia livrá-los desse castigo decorrente das constantes práticas pecaminosas do bando.

Sem-Pernas é o oposto de Pirulito, um menino cheio de raiva e sede de vingança. Achava o mundo injusto, como todos os capitães, mas desde o dia em que foi preso e apanhou da polícia, perdeu a esperança de ter uma vida melhor. Assim, encontrava na raiva e na sede de vingança que sentia, o combustível para ser ainda mais cruel em seus atos criminosos. Ao ver alguém sofrer por causa dele sentia-se vingado por toda a maldade que sofrera. Dessa forma, ele projeta uma imagem de indiferença quanto ao sofrimento alheio e prazer em ser maldoso. Cheio de ódio, rancor e maldade é possível constatar a construção de um *ethos perverso*.

É importante ressaltarmos aquilo que já fora exposto na teoria: o *ethos* não corresponde necessariamente ao caráter real daquele que enuncia. A importância disso se deve ao fato de defendermos que, apesar da construção que Sem-Pernas fazia de si, sua personalidade apresentava-se diferenciada nos traços atribuídos a ele pelo narrador. Todo o ódio e a maldade presentes nas atitudes e no discurso de Sem-Pernas não passa de um mecanismo de defesa que oculta sua vulnerabilidade e carência. No capítulo “Família”, observamos a intenção do bando em usar Sem-Pernas, um menino com deficiência, como espião em uma casa de ricos. Essa atitude era recorrente no grupo e fazia parte dos esquemas de furto que o bando orquestrava. A questão problemática surge quando dona Ester, a dona da casa, vê em Sem-Pernas a figura de seu filho Augusto que, coincidentemente, é o nome que Sem-Pernas diz ser seu. Dessa forma, tanto a mulher quanto seu marido, Raul, tratam Sem-Pernas como um filho, reservando-lhe um quarto pessoal, roupas limpas, brinquedos e até um passeio em família. Toda essa situação gerou em Sem-Pernas um conflito: ele se agarraria àquela chance de ter uma família, conseqüentemente traíndo seus companheiros? Ou ele seria leal ao bando, desistindo da possibilidade de ser amado como filho?

O conflito interno vivido por Sem-Pernas faz o leitor perceber que toda essa maldade que havia nele era uma fachada, pois ele sente muita dor e chora desesperadamente ao “se despedir” da “sua família”. Desse modo, reafirmamos o *ethos* como uma construção de si sobre a qual não se tem controle.

Pirulito, como revelado anteriormente, sonhava em ser padre. Desse modo, com o passar do tempo conseguiu atingir a posição de frei. Certo dia, Pedro e Sem-Pernas entram em uma igreja, a

PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS E DORA: A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JORGE AMADO

fim de realizarem furtos, mas acabam, de longe, vendo Pirulito ensinar catecismo a um grupo de meninos pobres. “— *Que adianta?*” (AMADO, 2009, p. 227). Indagou Pedro, revelando que não via serventia na função de Pirulito, pois não trazia alimento aos meninos pobres que estavam sendo catequizados. Assim, Sem Pernas explicita seu alinhamento ao pensamento de Bala: “— *A bondade não basta... [...] só o ódio.*” (AMADO, 2009, p. 227). Nesse trecho, é possível perceber como Sem-Pernas constrói seu *ethos perverso*, pois diferente de Pedro, não enxerga a ação de Pirulito apenas como sem serventia por não lhes trazer comida, mas, também, por não suscitar a violência e o ódio com os quais a sociedade deveria ser tratada.

Dora, a única menina no bando é tida por todos como uma figura materna e/ou fraternal, até mesmo pelo próprio narrador. Mais tarde é considerada por Pedro como esposa. Dora se juntou ao bando por intermédio de Professor e João Grande ao ficar órfã de pai e mãe devido a uma epidemia de varíola. Buscou casas em que pudesse trabalhar para sustentar a si e a seu irmão, Zé Fuinha. Mas somente em Professor e em João Grande encontrou uma chance de sobrevivência ao ser convidada por eles a entrar no bando. A imagem que ela constrói de si é de *emancipação*.

No Capítulo “Dora, mãe” é narrada a relação de Dora com os meninos, como Gato, Volta Seca e Pirulito; uma relação de amizade, mas que por ser a única menina do trapiche, e conseqüentemente ser protegida pelo Capitão de qualquer assédio vindo dos seus liderados, é vista por estes no enquadramento de uma figura materna. No capítulo seguinte “Dora, irmã e noiva” podemos perceber melhor como a personagem projeta sua imagem. Decidida a ser útil ao bando, resolve não apenas cozinhar, costurar, lavar ou passar, mas, também, auxiliar nas “despesas”. Passa, então, a ajudar nos furtos pois não queria “comer de graça”. “— *Não tá direito vocês me dê de comer todo dia. Agora eu tomo parte no que vocês fizer*” (AMADO, 2008, p. 183).

É possível observar a visão de igualdade que Dora tem de si em relação aos meninos. Ela não achava justo ser alimentada pelo bando, mas queria ir em busca do próprio sustento. Assim, ela revela uma visão não de superioridade ou inferioridade, mas de igualdade, construindo assim seu *ethos de emancipação*. Como o próprio narrador observa “Era ágil como o mais ágil”, podia fazer o que qualquer um fizesse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as análises, foi possível compreender como se estabelece o *ethos* dos personagens em *Capitães da areia* (2009). Identificamos em Bala a concorrência entre o *ethos* de liderança e o *ethos* de herói dos pobres, pois além de se colocar como líder dos capitães em diversas situações, ele passa a expandir o alvo de sua proteção à população quando passa a ter contato com João de Adão e, depois, com grevistas. Pirulito constrói a imagem de religioso, pois é devoto da fé católica e sonha com o arcebispado, fato este que revela em vários diálogos a narrativa. Sem-Pernas constrói a imagem de perverso, pois ferido com a vida em que levava, não confiava nas pessoas, usando do discurso perverso para afastá-las e/ou magoá-las. Já Dora, projeta uma imagem de emancipada, pois sendo uma menina que logo cedo perdeu pai e mãe, acaba tendo a responsabilidade de cuidar de si e de seu irmão. Ainda assim, não deixa que sua feminilidade seja empecilho para suas conquistas.

Por fim, concluímos que a Teoria Semiolinguística tem uma rica aplicabilidade de seus instrumentos para a análise do discurso literário. Mediante o fenômeno proposto, o *ethos* conseguimos desvelar o projeto semiolinguístico da obra. Assim, atestamos a capacidade de tal teoria para uma análise mais completa e fundamentada dos fenômenos literários, nos permitindo, então, relacionar a linguagem a sua exterioridade, e desvelar os fenômenos ideológicos.

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937. Disponível em: https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6845/1/45000008358_Output.o.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.

ASSUNÇÃO, Érica Patrícia Barros de. **A paratopia criadora e o ethos de Abdias Neves: Análise do Discurso Literário de um autor marginal em Um manicaca**. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/12dtFCFkzjsfjKUAhBh_VviO7iFym8ty. Acesso em: 19 abr. 2020.

ASSUNÇÃO, Érica Patricia Barros de; MOURA, João Benvindo. O discurso literário na obra Júlio César, de Shakespeare: disputa de sentidos num jogo de imagens. *In*: MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa. **Sentidos em disputa: discursos em funcionamento**. Teresina: EDUFPI, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11V18xIYEwS3LV3UnpkbjQj5xsuXK0zYf/view>. Acesso em: 14 out. 2019.

ASSUNÇÃO, Érica Patricia Barros de; MOURA, João Benvindo. A construção de sentidos no discurso literário: a paratopia numa perspectiva de interface. **Letras em Revista**, v. 8, n. 1, fev. 2018. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/41>. Acesso em: 02 mar. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do discurso. **Revista Langages**, Paris, n. 117, mar. 1995. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Une-analyse-semiolinguistique-du,64.html>. Acesso em: 06 mar. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. O discurso propagandista: uma tipologia. *In*: MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato. **Análises do Discurso Hoje**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Lucerna), v. 3, p.57-78, 2010. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/O-discurso-propagandista-uma.html>. Acesso em: 23 abr. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim**. Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 10, dez. 2011. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Dize-me-qual-e-teu-corpus-eu-te.html>. Acesso em: 02 mar. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2016.

HATOUM, Milton. O Carrossel das Crianças. *In*: AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOGRAEFE, Renata Paltrinieri. **Capitães da areia, um estudo comparado entre os Amados: literatura e cinema em diálogo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de

**PEDRO BALA, PIRULITO, SEM-PERNAS E DORA: A CONSTRUÇÃO DE
IMAGENS NO DISCURSO LITERÁRIO DE JORGE AMADO**

Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Acesso em: 22 maio 2020.

LOPES, Maraisa; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; MOURA, João Benvindo de (org.). **Linguagem, discurso e produção de sentidos**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. *In*: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). **Ethos discursivo**. Tradução: Luciana Salgado. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível em: <http://www.martinsfontespaulista.com.br/anexos/produtos/capitulos/509327.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Editora Contexto: São Paulo, 2006.

MELLO, Renato de. O quadro do contrato comunicacional de Patrick Charaudeau e o texto literário. **Caligrama**: Revista de Estudos Românicos, v. 8, 2003. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/370/325>. Acesso em: 23 abr. 2020.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais**: um retrato do Piauí. Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1xzM2rZt7a1Y2mQUMF5zIgmKR6WsTgG9/view> Acesso em 4 ago. 2020.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa. **Sentidos em disputa**: discursos em funcionamento. Teresina: EDUFPI, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/11V18xIYEwS3LV3UnpkbjQj5xsuXK0zYf/view>. Acesso em: 14 out. 2019.

MOURA, João Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa. **Discurso, memória e inclusão social**. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

RUY, Marcos Aurélio. Centenário de Jorge Amado: “uma arte moderna sem ser modernista”. *In*: **Vermelho**, 2013. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2012/04/19/centenario-de-jorge-amado-uma-arte-moderna-sem-ser-modernista/> Acesso em: 22 maio 2020.